

Mariana Petry Cabral & Ruben Caixeta de Queiroz

Neste volume da Revista Teoria & Sociedade, temos contribuições de pesquisadoras e pesquisadores das áreas de Antropologia e Arqueologia, tendo como eixo central a Amazônia e suas múltiplas histórias de ocupação.

A origem deste volume está em um evento realizado em Agosto de 2016, na Universidade Federal de Minas Gerais. O encontro foi chamado de “Diálogos Amazônicos: perspectivas da antropologia e da arqueologia sobre a ocupação da região no período pré e pós-colonial” e teve como objetivo fortalecer diálogos entre as duas disciplinas.

Nos últimos anos, com a criação de cursos de graduação e de pós-graduação com formação conjunta das disciplinas de arqueologia e antropologia (em que a UFMG é um destes exemplos), as demandas por diálogos entre as disciplinas tornaram-se mais evidentes. No entanto, o histórico das duas disciplinas no Brasil nem sempre fortaleceu estas relações, muitas vezes dificultando as possibilidades de trocas interdisciplinares.

A Amazônia oferece um contexto muito interessante para ativar diálogos entre as disciplinas, tendo sido um locus importante de reflexões para ambas, com uma base de pesquisas consolidadas, ainda que – até pelas dimensões continentais da região – muitas áreas ainda sejam pouco conhecidas. Reunindo pesquisadoras e pesquisadores, em diferentes níveis de formação acadêmica, foi possível aprofundar discussões para a ampliação de diálogos, contribuindo para fortalecer grupos de pesquisa e estimular a formação de jovens pesquisadoras/es.

Neste volume, apresentamos textos originais derivados das apresentações e das discussões realizadas, oferecendo um conjunto bastante diverso e rico de perspectivas. Ainda que algumas pessoas que estiveram no evento não estejam aqui representadas, reconhecemos a participação coletiva, inclusive do público, em contribuir para as reflexões que seguem aqui, através dos debates e discussões realizadas nas sessões e conferências ministradas.

O primeiro artigo, da antropóloga Dominique Tilkin Gallois, nos oferece uma reflexão instigante sobre as possibilidades de colaboração entre Etnologia, História Indígena e Arqueologia, partindo da longa experiência da autora com etnologia indígena das Guianas. Na sequência, temos um conjunto de artigos de arqueólogas e arqueólogos que têm experimentado, de diferentes modos, diálogos com a antropologia.

João Saldanha, ao estudar o caráter da morte no leste das Guianas oferece uma visão de longa duração sobre as transformações sociais dos povos indígenas da região. Já Lilian Panachuk, trabalhando com ceramistas no município de Juriti (PA), reflete sobre as técnicas do corpo na produção oleira para pensar o estudo arqueológico da tecnologia cerâmica e a inter-relação entre a construção de peças e de corpos. No artigo de Maria Jacqueline Rodet e colegas, também observamos a aproximação com grupos atuais, desta vez para pensar as técnicas de tratamento térmico de rochas, através de pesquisa junto a grupos garimpeiros em Carajás (PA). Mariana Cabral apresenta uma síntese sobre recentes experiências de aproximação entre arqueologia e etnografia na região amazônica, salientando o potencial de arqueologias etnográficas no entendimento de vidas do presente e do passado. No artigo de Jaqueline Gomes, vemos como o interesse na construção da história cultural do lago Amanã (AM) levou à articulação de conhecimentos da comunidade local com a pesquisa arqueológica.

Em seguida, temos um conjunto de artigos de antropólogas e antropólogos, com pesquisas em diferentes regiões da Amazônia. Ruben Caixeta de Queiroz, a partir de um

caso etnográfico das Guianas, busca mostrar que as relações entre os diversos grupos, ao longo da história ou no momento atual, têm uma dinâmica em espécie de pêndulo, sempre em movimento, e provoca a arqueologia a pensar este modelo na longa duração. Renata Otto, ao debruçar-se sobre transformações entre os Awa-Guajá no Maranhão, propõe pensar a mudança como atualização, contrapondo-se a explicações causais derivadas de um evento histórico. Já Pedro Rocha, a partir de sua pesquisa com os Kotiria do Alto Uaupés (AM), discute noções de corpo, pessoa e história, refletindo sobre seu impacto na relação entre indígenas e “brancos” na região. No artigo de Paulo Maia Figueiredo, o tema da posse e maestria de xerimbabos é discutido a partir de dados etnográficos entre os Baré do alto Rio Negro. E para fechar o volume, temos o artigo de Maria Luisa Lucas, que discute o papel do conceito de “Centro” entre os Bora na Amazônia Colombiana nas transformações espaciais ao longo do tempo.

Esperamos que as reflexões apresentadas ao longo do volume contribuam para os diálogos entre as disciplinas e suas múltiplas formas de colaboração. Boa leitura!